

SANTO AMBRÓSIO DE MILÃO



SOBRE OS SACRAMENTOS

FONTE DO TEXTO

academia.edu

Imagem da Capa

templariodemaria.com

Texto extraído do Vol. 5, «AMBRÓSIO DE MILÃO», da
coleção "Patrística", editada por "PAULOS"

SOBRE OS SACRAMENTOS

I LIVRO

1. 1. Trato da explicação dos sacramentos que recebes-tes. Não teria sido oportuno dá-la antes, pois para o homem cristão a fé vem em primeiro lugar. De fato, em Roma se diz que são fiéis aqueles que foram batizados e nosso pai Abraão foi justificado pela fé e não pelas obras. Recebestes o batismo e crestes. Não me é permitido julgar diferentemente; não serias chamado à graça se Cristo não te considerasse digno de sua graça.

2. O que fizemos sábado? A abertura: esses mistérios da abertura foram celebrados quando o sacerdote tocou os teus ouvidos e tuas narinas. O que significa isso? No Evangelho, nosso Senhor Jesus Cristo, ao lhe apresentarem um surdo-mudo, tocou seus ouvidos e sua boca; os ouvidos, porque era surdo; a boca, porque era mudo. E disse: “Effeta”. O termo é hebraico e, traduzido, significa “Abre-te”. Portanto, o sacerdote tocou teus ouvidos para que teus ouvidos se abrissem à palavra e ao sermão do sacerdote.

3. Tu me dirás: Por que as narinas? Lá, porque era mudo, tocou-lhe a boca; como não podia falar sobre os sacramentos celestes, recebia assim a palavra de Cristo. Lá, se tratava de um homem, aqui as mulheres são batizadas, e a pureza do servo não é a mesma que a do mestre, pois enquanto este perdoa os pecados, para estes os pecados são perdoados. Como pode haver comparação? Assim, por respeito ao ato e à função, o bispo não toca a boca, mas as narinas. Por que as narinas? Para que recebas o bom odor da piedade eterna, a fim de dizeres: “Somos o bom odor de Cristo para Deus” (2Cor 2,15), como disse o santo Apóstolo, e haja em ti a plena flagrância da fé e da devoção.

2. 4. Chegamos à fonte, entraste, foste ungido. Pensa naqueles que viste, pensa no que falaste, lembra exatamente. Um levita foi te acolher, um presbítero foi te acolher. Foste ungido como atleta de Cristo, como se fosses entregar-te à uma luta neste mundo, fizeste profissão de te entregar à luta. Aquele que luta tem o que esperar: onde há luta, aí há coroa (cf. 1Cor 9,24s). Lutas no mundo, mas és coroado por Cristo, e és coroado por causa das lutas no mundo. Embora a recompensa esteja no céu, o mérito da recompensa, porém, já se encontra aqui.

5. Quando te interrogou: “Renuncias ao diabo e às suas obras?” O que respondeste? “Renuncio”. Renuncias ao mundo e às suas concupiscências?” O que respondeste? “Renuncio”. Lembra-te da tua palavra e nunca percas de vista as conseqüências do teu aval. Se deres uma promissória assinada a alguém, estás comprometido a fim de que ele receba o seu dinheiro; estás amarrado e, se protestares, o credor poderá te coagir. Se recusas, terás que ir ao juiz e aí serás convencido pelo teu aval.

6. Pensa onde prometeste e a quem prometeste. Tu viste um levita, mas ele é ministro de Cristo. Viste-o officiar diante dos altares. Portanto, a promissória que as-sinaste não está guardada na terra, mas no céu. Pensa onde recebes os sacramentos celestes. Se o corpo de Cristo está aqui, também os anjos estão estabelecidos aqui. Leste no Evangelho (Mt 24,28): “Onde está o corpo, aí também estão as águias”. Onde está o corpo de Cristo, aí também estão as águias, que costumam voar para fugir das coisas terrenas, para alcançar as coisas celestes. Por que digo isso? Porque todos os homens que anunciam Cristo também são anjos e parecem ser associados ao lugar dos anjos.

7. Como? Escuta. João Batista nascera de homem e mulher. Entretanto, escuta como ele também era anjo: “Eis que envio o meu anjo diante de tua face e ele preparará o teu caminho diante de ti” (Mt 11,10). Escuta outra coisa. O profeta Malaquias disse que “os lábios do sacerdote guardam a ciência

e exigem a lei de sua própria boca, pois ele é anjo do Deus onipotente” (Ml 2,7). Essas coisas são ditas para que proclamemos a glória do sacerdócio, não para que se atribua algo aos méritos pessoais.

8. Portanto, renunciaste ao mundo, renunciaste ao século. Sê vigilante. Quem deve dinheiro pensa sempre no seu aval. E tu que deves a fé a Cristo, conserva a fé que é muito mais preciosa que o dinheiro. De fato, a fé é um patrimônio eterno, enquanto o dinheiro é temporal. Portanto, lembra-te sempre do que prometeste: serás mais cauteloso. Se guardas a tua promessa, guardarás também o teu aval.

3. 9. Em seguida, te aproximaste, viste a fonte, viste também o sacerdote junto à fonte. Nem posso duvidar que em teu ânimo não poderia acontecer o que aconteceu naquele sírio Naamã, o qual, embora purificado (entretanto antes duvidava). Por quê? Vou dizer. Escuta.

10. Entraste, viste a água, viste o sacerdote, viste o levita. Por acaso, alguém não diria: Isso é tudo? Certamente isso é tudo; verdadeiramente há tudo, onde há total inocência, onde há total piedade, total graça, total santificação. Viste aquelas coisas que pudeste ver com os olhos do teu corpo e com os olhares humanos; não viste aquilo que se realizou, mas o que se vê. São muito maiores aquelas coisas que não se vêem do que as que se vêem, “porque as coisas que se vêem são temporais, mas as que não se vêem são eternas” (2Cor 4,18)

4. 11. Digamos primeiro — conserva o aval da minha palavra e exige-o —: Admiramos os mistérios dos judeus que nos foram entregues pelos nossos pais. São excelentes, primeiro por causa da antiguidade dos sacramentos, depois por causa da santidade. Promete isto: os sacramentos dos cristãos são mais divinos e anteriores aos dos judeus.

12. O que há de mais destacado do que a passagem do povo judeu através do mar, para que neste momento falemos sobre o batismo? Contudo, os judeus que atravessaram, morreram todos no deserto. Ao contrário, quem passa por esta fonte, isto é, das coisas terrenas para as celestes — aqui há de fato uma passagem, portanto uma páscoa, isto é, sua passagem, passagem do pecado para a vida, da culpa para a graça, da impureza para a santificação (cf Jo 6,49.59) — aquele que passa por esta fonte não morre, mas ressuscita.

5. 13. Naamã era leproso (cf. 2Rs 5,1-14). Uma menina disse à mulher dele: “Se o meu senhor quer ser purificado, dirija-se à terra de Israel e aí encontrará aquele que pode tirar-lhe a lepra”. Ela disse à sua patroa, a mulher a seu marido e Naamã ao rei da Síria. Este, que o estimava muito, o enviou ao rei de Israel. Quando o rei de Israel ouviu que alguém lhe tinha sido enviado para que o curasse da lepra, rasgou sua veste. Então o profeta Eliseu manda-lhe dizer: “Por que rasgaste a veste, como se não existisse um Deus poderoso que purifica o leproso? Envia-o a mim”. Ele o enviou. Tendo chegado, o profeta disse: “Vai, desce ao Jordão, entra na água e ficarás curado”.

14. Ele começou a refletir e disse: “Isso é tudo? Eu vim da Síria até à terra judaica e me é dito: Vai ao Jordão, entra na água e ficarás curado? Como se não existissem rios melhores em minha pátria!” Os servos lhe disseram: “Senhor, por que não fazes como o profeta disse? Faze isso e experimenta”. Então ele foi ao Jordão, entrou na água e saiu curado.

15. O que significa isso? Viste a água, mas nem toda água cura; contudo, a água que contém a graça de Cristo cura. Uma coisa é o elemento, outra é a consagração; uma coisa é o ato, outra é a eficácia. O ato é da água, mas a eficácia é do Espírito Santo. A água não cura, a não ser que o Espírito Santo tenha descido e consagrado essa água. Tu leste que, quando nosso Senhor Jesus Cristo transmitiu a forma do batismo, veio até João, e João lhe disse: “Sou eu que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim”. Cristo lhe respondeu: “Deixa por enquanto, pois é assim que devemos realizar toda a justiça”

(Mt 3,14-5). Vê que toda a justiça está assentada no batismo.

16. Então por que Cristo desceu, senão para que esta carne fosse purificada, a carne que ele assumiu de nossa condição? Não era necessário para Cristo a ablução dos seus pecados, pois “ele não cometeu pecados” (1Pd 2,22), mas era necessária para nós, pois permanecemos submissos ao pecado. Portanto, se o batismo é para nós, sua forma foi instituída para nós, proposta para a nossa fé.

17. Cristo desceu, e João estava aí batizando. Eis que o Espírito Santo desceu como pomba. Não foi uma pomba que desceu, mas algo como uma pomba (Jo 1,32). Lembra-te, pois, do que eu disse: Cristo assumiu uma carne não como se fosse carne, mas a realidade desta carne; Cristo assumiu verdadeiramente uma carne. O Espírito Santo, porém, desceu do céu sob a aparência de pomba, não na realidade de uma pomba, mas na aparência de uma pomba. João viu e creu.

18. Cristo desceu, e o Espírito Santo desceu também. Por que Cristo desceu por primeiro e depois o Espírito Santo, enquanto a forma e o uso do batismo supõem que antes a fonte seja consagrada e depois desça aquele que nela vai ser batizado? De fato, primeiro entra o sacerdote, faz o exorcismo sobre a criatura que é a água, depois faz a invocação e a prece para que a fonte fique santificada e aí esteja a presença da Trindade eterna. Portanto, Cristo desceu antes, seguido pelo Espírito. Por que motivo? Para que não parecesse que o próprio Senhor Jesus tivesse necessidade do mistério da santificação, mas ele próprio santificasse e também o Espírito santificasse.

19. Cristo, portanto, desceu à água e o Espírito Santo desceu como uma pomba. Deus Pai, por sua vez, falou do céu (cf. Mt 3,16-17). Tens a presença da Trindade.

6. 20. Que no mar Vermelho tenha havido uma figura deste batismo, o Apóstolo o diz do seguinte modo: “Nossos pais foram todos batizados na nuvem e no mar” (1Cor 10,2), e acrescenta: “Todas essas coisas aconteceram para eles em figura” (1Cor 10,11). Para eles em figura, mas para nós na realidade. Enquanto Moisés segurava a vara, o povo dos judeus estava cercado. O Egípcio com o seu exército pressionava de um lado, e do outro lado os hebreus eram fechados pelo mar. Não podiam atravessar o mar, nem voltar para trás contra o inimigo. Começaram então a murmurar (cf. Ex 14,9-11).

21. Cuidado para que o fato de eles terem sido atendidos não te seduza. Embora o Senhor os tenha ouvido, eles não ficaram isentos de culpa por terem murmurado. Cabe a ti, quando estiveres no aperto, crer que dele sairás; não murmures, mas invoca e pede, sem fazer queixas.

22. Segurando a vara, Moisés conduzia o povo dos hebreus, durante a noite numa coluna de luz, durante o dia numa coluna de nuvem. O que é a luz senão a verdade, pois expande uma luz visível e clara? (cf. Ex 13,21). O que é a coluna de luz senão Cristo Senhor, que expulsou as trevas da infidelidade e infundiu nos sentimentos humanos a luz da verdade e da graça espiritual? A coluna de nuvem, porém, é o Espírito Santo. O povo estava no mar, e a coluna de luz o precedia; atrás seguia a coluna de nuvem como sombra do Espírito Santo. Vês, portanto, como demonstramos o tipo do batismo pelo Espírito Santo e pela água.

23. No dilúvio também já houve uma figura do batismo e certamente os mistérios dos judeus ainda não existiam. Portanto, se preexistia a forma deste batismo, vês que os mistérios dos cristãos são superiores aos dos judeus.

24. No momento, porém, dada a fraqueza da nossa voz e o limite do tempo, basta por hoje ter haurido na fonte sagrada um pouco dos seus mistérios. Amanhã, se o Senhor me der força para falar com facilidade, falarei com mais profundidade. É preciso que vossa santidade esteja com os ouvidos atentos, o ânimo mais disposto para que possais reter as coisas que podemos recolher da seqüência das Escrituras e do Espírito Santo, a cuja Trindade pertence um reino perpétuo desde sempre, agora, para sempre e por todos os séculos dos séculos. Amém.

II LIVRO

1. 1. Ontem começamos a explicar que também no dilúvio houve uma figura antecipada do batismo. O que é o dilúvio, senão o meio pelo qual o justo é preservado para semear a justiça e fazer morrer o pecado? É por isso que o Senhor, vendo que o pecado dos homens se multiplicava, preservou somente o justo com a sua descendência, enquanto ordenou à água ultrapassar até mesmo acima dos montes. E por isso naquele dilúvio pereceu toda a corrupção da carne, e somente a raça e o modelo do justo permaneceram (cf. Gn 7,17-23). O batismo não é esse dilúvio onde todos os pecados são desfeitos e onde somente são ressuscitados o espírito e a graça do justo?

2. Há muitos tipos de batismo, mas há um só batismo, clama o Apóstolo (Ef 4,5). Por quê? Existem os batismos dos pagãos, mas não são batismos. São abluções, mas não podem ser batismos. Lava-se a carne, mas não se desfaz a culpa; antes, contrai-se a culpa com essa ablução. Existiam os batismos dos judeus, alguns supérfluos, outros em figura. E essa figura nos é de proveito, pois é anunciadora da realidade.

2. 3. O que foi lido ontem? “Um anjo descia, em certo momento, na piscina”, e todas as vezes que o anjo descia “a água se agitava e aquele que nela descesse primeiro ficava curado de qualquer doença que retinha” (Jo 5,4). Isso representa a figura de nosso Senhor Jesus Cristo que viria.

4. Por que um anjo? Ele é, de fato, “o anjo do grande conselho” (Is 9,5[LXX]). Em certo momento, porque ele estava reservado para a última hora, a fim de parar o dia no seu ocaso e adiar o seu ocaso. Portanto, todas as vezes que o anjo descia, a água se agitava. Talvez perguntes: “Por que agora não se move?” Ouve o motivo: os sinais são para os incrédulos, a fé é para os que crêem (cf. 1Cor 14,22).

5. Aquele que descia primeiro ficava curado de qualquer doença. Que significa primeiro? Em tempo ou dignidade? Compreende em ambos os sentidos. Se se trata de tempo, aquele que descia em primeiro lugar ficava curado antes, isto é, trata-se mais do povo dos judeus do que do povo das nações. Se se trata de dignidade, o que descia em primeiro lugar é aquele que tinha o temor de Deus, a preocupação pela justiça, a graça da caridade, o amor pela pureza, e este era curado de preferência. Entretanto, nesse tempo um só era salvo. Nessa época, digo, só se curava aquele que descia em primeiro lugar no tempo. Quanto maior é a graça da Igreja, na qual são salvos todos aqueles que descem!

6. Vede, porém, o mistério. Nosso Senhor Jesus Cristo veio à piscina e muitos doentes estavam ali deitados. E com certeza muitos doentes ali jaziam, onde apenas um era curado. Então ele disse àquele paraplégico: “Desce”. Ele respondeu: “Não tenho homem” (Jo 5,6-7). Vê onde deves ser batizado, de onde vem o batismo, senão da cruz de Cristo, da morte de Cristo. Aí está todo o mistério: ele sofreu por ti. Nele serás resgatado, nele serás salvo.

7. Não tenho homem, ele disse. Isto é: “a morte veio por um homem e a ressurreição vem por outro homem” (1Cor 15,21). Não poderia descer, não poderia ser salvo aquele que não acreditava que nosso Senhor Jesus Cristo tinha assumido o carne por meio de uma virgem. Mas aquele que esperava o homem Jesus, mediador entre Deus e os homens, que esperava aquele de quem foi dito: “E o Senhor enviará um homem para salvá-los” (Is 19,20), dizia: “Não tenho homem”. Por isso ele mereceu chegar à cura, porque acreditava naquele que viria. Todavia, teria dito melhor e mais perfeito se ele acreditasse que aquele que ele esperava já havia chegado.

3. 8. Nota agora os pormenores. Dissemos que, no Jordão, quando o leproso Naamã foi purificado (cf. 1,13), havia uma figura antecipada. Aquela menina entre os cativos, quem era ela senão aquela

que tinha os traços da Igreja e representava a figura? De fato, o povo das nações era cativo. Era cativo, não digo de cativo imposto por algum povo inimigo, mas falo daquele cativo que é maior, quando o diabo, com os seus, impõe uma cruel dominação e submete a si os pescoços cativos dos pecadores.

9. Portanto, tens aqui um batismo, outro no dilúvio. Tens um terceiro tipo quando os pais foram batizados no mar Vermelho. Tens um quarto tipo na piscina, quando a água se agitava. Agora te consulto se deves crer que tens a presença da Trindade nesse batismo, com o qual Cristo batiza na Igreja.

4. 10. O Senhor Jesus diz a mesma coisa aos apóstolos no seu Evangelho: “Ide, batizai os povos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19) Essa é a palavra do Salvador.

11. Homem, diga-me. Elias invocou fogo do céu e o fogo desceu (cf. 2Rs 18,38). Eliseu invocou o nome do Senhor e o ferro do machado que havia afundado veio à tona (cf. 2Rs 6,5-6). Eis outro tipo de batismo. Por quê? Porque todo homem antes do batismo é puxado e afundado como o ferro; depois de ser batizado, não é como o ferro, mas erguido como uma espécie mais leve de árvore frutífera. Portanto, existe ainda aqui outra figura. A madeira era cortada com o machado. Saiu o cabo do machado, isto é, o machado caiu na água. O filho do profeta não soube o que fazer; a única coisa que ele soube foi dirigir-se ao profeta Eliseu e pedir uma solução. Então ele pôs a madeira e o ferro foi retirado. Vês, portanto, que a enfermidade de todos os homens é tirada através da cruz de Cristo.

12. Outra coisa, embora não sigamos a ordem. Com efeito, quem pode compreender todas as ações de Cristo, como os apóstolos disseram? (cf. Jo 21,25). Quando Moisés chegou ao deserto, o povo teve sede. O povo chegou à fonte de Mara e quis beber. Logo que matou a sede, sentiu amargura e não pode mais beber. Então Moisés pôs a madeira na fonte e a água, que antes era amarga, começou a ficar doce (cf. Ex 15,22-25).

13. Que significa isso, senão que toda criatura sujeita à corrupção é água amarga para todos? Também se é suave por um momento, mesmo se é agradável por um momento, é amarga, ela que não pode tirar o pecado. Ao beberes, terás sede; ao provares a suavidade, de novo sentirás a amargura. A água é, portanto, amarga. Mas do momento que receber a cruz de Cristo, sacramento celeste, começa a ser doce e suave. É de fato doce aquela na qual a culpa é afastada. Portanto, se os batismos foram de tão grande valor na figura, quando mais será de valor o batismo na realidade.

5. 14. Vejamos, portanto, agora. O sacerdote vem, reza junto à fonte, invoca o nome do Pai, a presença do Filho e do Espírito Santo (cf. Jo 1,18), usa palavras celestes. Palavras celestes, porque são de Cristo, dizendo que batizemos “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). Se, portanto, a Trindade se torna presente pela palavra dos homens, pela invocação de um santo, quanto mais estará ela presente se se trata de palavra eterna! Queres saber por que o Espírito desceu? Ouviste que ele desceu como uma pomba. Por que como pomba? Para que os incrédulos fossem chamados à fé. No princípio, devia haver um sinal; em seguida era necessário que houvesse perfeição.

15. Escuta outra coisa. Depois da morte de nosso Senhor Jesus Cristo, os apóstolos estavam reunidos e oravam no dia de Pentecostes. De repente, houve um grande ruído, como se um vento soprasse fortemente e foram vistas como línguas de fogo espalhadas (cf. At 2,1-3). O que significa isso, senão a descida do Espírito Santo, que quis se manifestar corporalmente também aos incrédulos, isto é, corporalmente por um sinal, espiritualmente pelo sacramento? Portanto, o seu advento teve um testemunho manifesto; a nós, já foi oferecido o privilégio da fé, enquanto no princípio eram feitos sinais para os incrédulos; a nós, que já estamos na plenitude da Igreja, a verdade é alcançada não pelo sinal, mas pela fé (cf. 1Cor 14,22).

6. 16. Examinemos agora o que seja aquilo que se chama batismo. Vieste à fonte, nela desceste, deste atenção ao sumo sacerdote, aos levitas e viste o presbítero na fonte. O que é o batismo?

17. No princípio, o Senhor nosso Deus fez o homem, de modo que se não experimentasse o pecado não morreria. Ele cometeu o pecado, tornou-se sujeito à morte e foi expulso do paraíso (cf. Gn 3,17-23). O Senhor, porém, desejava continuar seus benefícios, abolir todas as insídias da serpente e desfazer tudo o que é nocivo. Antes, porém, dirigiu uma sentença contra o homem: “Tu és terra e para a terra irás” (Gn 3,19), e tornou o homem sujeito à morte. Era uma sentença divina, que não poderia ser revogada pela condição humana. Foi dado um remédio, de modo que o homem morreria e ressuscitaria. Por quê? Para que aquilo que antes tinha servido para a condenação, cedesse lugar ao benefício. O que é aquilo senão a morte? Perguntas de que modo? Porque a intervenção da morte põe fim ao pecado. De fato, quando morremos, deixamos de pecar (cf. Rm 6,7). Parecia, portanto, que se tinha satisfeito à sentença, pois o homem que fora feito para viver, caso não pecasse, começava a morrer. Contudo, para que a graça perpétua de Deus continuasse, o homem morreu, mas Cristo encontrou a ressurreição, isto é, a fim de restabelecer o benefício celeste que fora perdido pela fraude da serpente. Ambas as coisas, portanto, vieram em nosso favor: a morte é o fim dos pecados e a ressurreição é a restauração da natureza.

18. Todavia, para que a fraude ou as insídias do diabo não prevalecessem neste mundo, encontrou-se o batismo. Escuta o que a Escritura, ou melhor, o Filho de Deus, diz a respeito desse batismo: os fariseus, que não quiseram ser batizados com o batismo de João, desprezaram o desígnio de Deus (cf. Lc 7,30). O batismo é, portanto, um desígnio de Deus. Quanta graça existe onde está o desígnio de Deus!

19. Escuta, portanto. Para desfazer a trama do diabo neste mundo, foi encontrado o meio pelo qual o homem vivo morresse e depois vivo ressurgisse. O que é vivo? Trata-se da vida vivente do corpo, quando ele viesse à fonte e entrasse na fonte. O que é água, senão algo que nasce da terra? Fica, portanto, satisfeita a sentença celeste, sem o terror da morte. O fato de imergir desfaz aquela sentença: “Tu és terra, e para a terra irás”. Satisfeita a sentença, há lugar para o benefício e o remédio celeste. A água, portanto, nasce da terra. Todavia, a possibilidade da nossa vida não admitia que trabalhássemos a terra e da terra ressurgíssemos. Conseqüentemente, a terra não lava, mas a água lava. Portanto, a fonte é como uma sepultura.

7. 20. Foste interrogado: “Crês em Deus Pai onipotente?” Respondeste: “Creio”. E entraste na água, isto é, foste sepultado. De novo te perguntaram: “Crês em nosso Senhor Jesus Cristo e na sua cruz?” Respondeste: “Creio”. E entraste na água. Foste assim sepultado com Cristo (cf. Rm 6,4). Com efeito, aquele que é sepultado com Cristo, ressurge com Cristo. Pela terceira vez te perguntaram: “Crês no Espírito Santo?” Respondeste: “Creio”. E entraste na água pela terceira vez, a fim de que a tríplice confissão absolvesse as inúmeras faltas da vida passada.

21. Além disso, para vos dar um exemplo, o santo apóstolo Pedro, parecia ter sucumbido na paixão do Senhor, por causa de fraqueza de condição humana; ele, antes havia negado, depois para que sua falta fosse desfeita e reparada, foi interrogado três vezes por Cristo se amava Cristo. Então, ele respondeu: “Senhor, tu sabes que eu te amo” (Jo 21,17). Respondeu três vezes para ser absolvido três vezes.

22. Assim, portanto, o Pai perdoador o pecado, assim o Filho perdoador e assim também o Espírito Santo. Não te admires de que sejamos batizados num só nome, isto é, “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). Ele diz que há um só nome, onde há uma só substância, uma só divindade, uma só majestade. Este é o nome do qual foi dito: “É nele que todos devem ser salvos”

(At 4,12). Neste nome todos vós fostes salvos, reconduzidos à graça da vida.

23. O apóstolo, portanto, clama, como ouvistes na presente leitura: Todo aquele que é batizado, é batizado na morte de Jesus (Rm 6,5). O que significa na morte? Significa que, assim como Cristo morre, também tu sentirás o gosto da morte; assim, como Cristo morreu para o pecado e vive para Deus, também tu morrerás para as antigas atrações dos pecados pelo sacramento do batismo e ressuscitarás pela graça de Cristo. É, portanto, morte, não na realidade de morte corporal, mas simbólica. Quando entras na água, recebes um símbolo da morte e da sepultura, recebes o sacramento de sua cruz, pois Cristo pendeu na cruz e o seu corpo foi nela fixado com cravos. Tu, portanto, és crucificado junto, te ligas a Cristo, te ligas com os cravos de nosso Senhor Jesus Cristo, para que o diabo não consiga te arrancar daí. Que te retenha o cravo de Cristo que retira a fraqueza da condição humana.

24. Entraste na água e vieste até o sacerdote. O que ele te disse? Disse: “Deus Pai onipotente, que te regenerou pela água e pelo Espírito e te perdoou os teus pecados, ele também te unja para a vida eterna. Vês para que foste ungido: para a vida eterna. Não queiras preferir esta vida à vida eterna. Por exemplo: se aparecer algum inimigo, e quiser tirar-te a fé, se ameaçar de morte para que alguém se afaste do caminho reto, vê o que escolherás. Não escolhas aquilo em que não foste ungido, mas escolhe aquilo em que foste ungido, para que prefiras a vida eterna à vida temporal.

III LIVRO

1. 1. Ontem falamos sobre a fonte, cujo formato tem certa aparência de sepulcro, no qual nós, que cremos no Pai e no Filho e no Espírito Santo, somos recebidos e imersos; depois, ressurgimos, isto é, somos ressuscitados. Recebes também o *myrum*, isto é o unguento, na cabeça. Por que na cabeça? Porque Salomão diz: “A razão do sábio está em sua cabeça”. De fato, a sabedoria sem a graça é inativa; mas do momento que a sabedoria recebeu a graça, a sua obra começa a se tornar perfeita. Isso se chama regeneração.

2. O que é regeneração? Nos Atos dos Apóstolos encontra-se aquele versículo que se diz no salmo 2: “Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei” parece se referir à ressurreição. Com efeito, o santo apóstolo Pedro, nos Atos dos Apóstolos, assim interpretou: quando o Filho ressuscitou da morte, a voz do Pai se fez ouvir: “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei” (At 13,33). Por isso, ele também é chamado “primogênito dos mortos” (cf. Rm 6,3-11). Portanto, o que é a ressurreição, senão o fato de ressurgirmos da morte para a vida? Assim também no batismo, do momento que é imagem da morte, quando saís da água e ressurges, sem dúvida torna-se imagem da ressurreição. Desse modo, conforme a interpretação dos apóstolos, assim como aquela ressurreição foi uma regeneração, também esta ressurreição da fonte é uma regeneração.

3. Mas por que dizes que é na água que entras? É por isso que divagas, é por isso que ficas em dúvida? Na verdade, lemos: “Que a terra produza o seu fruto, e ela produziu fruto que germina” (Gn 1,11). Leste a mesma coisa a respeito das águas: “Que as águas produzam animais, e nasceram animais” (Gn 1,20). Tais coisas (nasceram) no princípio da criação, mas para ti foi reservado que a água te regenerasse para a graça, assim como ela gerou outros para a vida. Imita aquele peixe que recebeu certa graça menor, pois ele deve ser para ti um milagre. Está no mar, está sobre as ondas, está no mar e nada sobre as vagas. A tempestade enfurece no mar, os furacões sopram, e o peixe nada, não afunda, porque acostumou-se a nadar. Para ti, o mar é este mundo. Existem várias ondas, vagalhões, tempestades furiosas. Sê, tu, peixe, para que a onda do mundo não te submerja. Razão tem o Pai para dizer ao Filho: “Eu hoje te gerei” (Sl 2,7). Isto é: quando resgataste o povo, quando o chamaste para o reino do céu, quando realizaste a minha vontade, provaste que és meu Filho.

4. Saíste da fonte. O que aconteceu depois? Ouviste a leitura. O sacerdote revestiu suas vestes — embora também os presbíteros fizessem o mesmo, entretanto o início da função cabe ao sumo sacerdote — revestido de suas vestes, eu dizia, o sumo sacerdote te lavou os pés. O que significa esse mistério? Ouviste que o Senhor, tendo lavado os pés dos outros discípulos, chegou a Pedro e Pedro lhe disse: “Tu me lavas os pés!” (Jo 13,6). Isto é: Tu, Senhor, lavas os pés do servo; tu, imaculado, lavas os meus pés; tu, criador dos céus, lavas os meus pés! Encontras isso também em outro lugar: Veio a João e João lhe disse: “Sou eu que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim!” (Mt 3,14). Eu sou pecador, tu vieste a um pecador como que para depores os teus pecados, tu que não cometeste pecado! Vê toda a justiça, vê a humildade, vê a graça, vê a santificação. Ele disse: “Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo”.

5. Nós não ignoramos que a Igreja romana não tem esse costume, da qual seguimos em tudo o exemplo e forma. Contudo, ela não tem esse costume de lavar os pés. Considera, porém, que ela deixou de lado por causa do grande número. Há também aqueles que dizem, tentando desculpá-la, que isso não se deve fazer no mistério, não no batismo, não na regeneração, mas que se deve lavar os pés como se fossem de hóspede. Contudo, uma coisa é a humildade, outra a santificação. No entanto, escuta: é mistério e também santificação: “Se eu não lavar os teus pés, não terás parte comigo” (Jo 13,8). Não digo isso, porém, para repreender outros, mas para que eu exerça as minhas funções.

Desejo seguir em tudo a Igreja romana, mas nós também temos razão humana. O que, em outro lugar, se observa de maneira mais correta, nós também guardamos de maneira mais correta.

6. Seguimos o próprio apóstolo Pedro e estamos apegados ao seu próprio fervor. O que a Igreja romana responde a isso? Sim, o próprio apóstolo Pedro é, para nós, autor dessa afirmação, ele que foi sacerdote da Igreja romana. É o próprio Pedro que diz: “Senhor, não só os pés, mas também as mãos e a cabeça” (Jo 13,9). Vê a fé. O que ele recusou antes foi por causa da humildade; depois, quando ofereceu a si mesmo, foi por causa do fervor e da fé.

7. Como dissesse mãos e cabeça, o Senhor lhe respondeu: “Aquele que se lavou, não precisa se lavar de novo, a não ser lavar os pés” (Jo 13,10). Por que isso? Porque no batismo toda culpa é desfeita. Portanto, a culpa desaparece; mas por que Adão foi suplantado pelo diabo e foi derramado veneno em seus pés, por isso lavar os pés, para que, naquela parte onde a serpente se insidiou, chegue mais proteção de santificação, a fim de que, posteriormente, ela não possa te suplantar. Portanto, lavas os pés para que laves os venenos da serpente. É também de proveito para a nossa humildade que não nos envergonhemos no mistério daquilo que recusamos como homenagem.

2. 8. Depois disso, vem o selo espiritual do qual ouviste hoje na leitura. Depois da fonte, resta ainda ser feita a perfeição, quando, pela invocação do sacerdote, infunde-se o Espírito, o Espírito da sabedoria e da inteligência, o Espírito do conselho e da força, o Espírito do conhecimento e da piedade e o Espírito do temor santo (Is 11,2-3), que são como que as sete virtudes do Espírito.

9. Todas as virtudes pertencem ao Espírito, mas estas são como que cardeais, como que as mais importantes. Com efeito, o que há de mais importante do que a piedade? O que há de mais importante do que o conhecimento de Deus? O que há de mais importante do que a força? O que há de mais importante do que o conselho de Deus? O que há de mais importante do que o temor de Deus? Assim como o temor do mundo é fraqueza, da mesma forma o temor de Deus é grande força.

10. Tais são as sete virtudes, quando recebes a consagração. De fato, como diz o santo apóstolo, a sabedoria de nosso Senhor tem muitas formas e a sabedoria de Deus tem muitas formas (Ef 3,10). Do mesmo modo, o Espírito Santo tem muitas formas, pois ele possui toda uma variedade de virtudes (Sl 79,5.8.15.20). Por isso, dizemos que é o Deus das virtudes, e isso pode ser aplicado ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Isso, porém, é assunto para outra discussão, em outra ocasião.

11. O que vem depois disso? Podes aproximar-te do altar. Porque te aproximas, podes ver o que antes não vias. Este é o mistério que leste no Evangelho, caso o tenhas lido. Seguramente o ouviste. Um cego se apresentou ao Salvador para ser curado. Este curava os outros somente com sua palavra e discurso e devolvia a luz aos olhos por sua ordem. Entretanto, no livro do Evangelho intitulado segundo João, aquele que verdadeiramente viu mais do que os outros os grandes mistérios, os indicou e declarou, ele quis prefigurar esse mistério no cego.

Todos os evangelistas são santos, e todos os apóstolos, exceto o traidor, são santos. Todavia, são João, o último a escrever o Evangelho, como que um familiar buscado e eleito por Cristo, fez ressoar os mistérios eternos com trombeta maior. Tudo o que ele falou é mistério. Outro disse que um cego fora curado. Mateus, Lucas e Marcos o dizem. Mas o que é que apenas João diz? “Ele tomou barro, ungiu os olhos dele, e lhe disse: Vai a Siloé. Ele se levantou, foi, lavou-se e voltou enxergando” (Jo 9,6-7).

12. Considera também tu os olhos do teu coração. Vias as coisas que são corporais com os olhos corporais. Todavia, ainda não podias ver com os olhos do teu coração as coisas que se referem aos sacramentos. Quando deste o teu nome, ele tomou o barro e ungiu os teus olhos. O que significa isso? Que devias reconhecer o teu pecado, examinar a tua consciência, fazer penitência dos pecados, isto é, reconhecer o destino da geração humana. Com efeito, embora aquele que vem ao batismo não

confesse o pecado, entretanto, por esse próprio fato, realiza a confissão de todos os pecados, pois ele pede para ser batizado a fim de ser justificado, isto é, para passar da culpa à graça.

13. Não julgueis que é coisa inútil. Se disséssemos a alguém: “Nessa idade deves ser batizado com maior razão”, ele responderia — tenho certeza de que alguém responderia —: “Por que ser batizado? Não tenho pecado. Quando foi que cometi pecado?” Este não teve o barro, porque Cristo não o ungiu, isto é, não lhe abriu os olhos. De fato não há nenhum homem que não tenha pecado.

14. Portanto, o homem se reconhece ao procurar refúgio no batismo de Cristo. Assim ele pôs o barro também em ti, isto é, o respeito, a prudência, a consideração da tua fragilidade, e disse a ti: “Vai a Siloé”. O que é Siloé? Ele disse: “que, traduzido, significa enviado”. Isto é: vai à fonte na qual se anuncia a cruz de todos.

15. Tu foste, te lavaste, vieste ao altar, começaste a ver o que antes não vias, isto é: pela fonte do Senhor e pelo anúncio da paixão do Senhor os teus olhos foram abertos. Tu que parecias ter o coração cego, começaste a ver a luz dos sacramentos.

Portanto, caríssimos irmãos, viemos até o altar, a assunto mais rico. Por esse motivo, dada a hora, não podemos começar a explicação completa, pois esse tratado é mais longo. Basta por hoje o que foi dito. Amanhã, se ao Senhor agradar, trataremos dos sacramentos em si.

IV LIVRO

1. 1. No Antigo Testamento, os sacerdotes costumavam entrar freqüentemente na primeira tenda; na segunda tenda, porém, o sumo sacerdote entrava uma só vez por ano. É isso evidentemente que o apóstolo Paulo explica aos hebreus, acolhendo textos do Antigo Testamento. Na segunda tenda, havia o maná, e aí também havia a vara de Aarão, que tinha secado e depois novamente brotado, e o altar do incenso (Hb 9,2-7).

2. A que leva isso? A fazer-vos compreender o que seja a segunda tenda, na qual o sacerdote vos introduziu, na qual o sumo sacerdote costumava entrar uma só vez por ano, isto é, ao batistério onde a vara de Abraão floresceu. Antes estava seca, depois brotou de novo (cf. Nm 17,8). Também tu estavas seco e começaste a brotar de novo na água corrente da fonte. Estavas seco pelos pecados, estavas seco pelos erros e faltas, mas já começaste a dar fruto, pois estás plantado junto à corrente d'água (Sl 1,3).

3. Talvez digas: “O que importa ao povo se a vara sacerdotal tinha secado e brotou de novo?” O que é o próprio povo, senão um povo sacerdotal? A quem foi dito: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, povo santo” (1Pd 2,9), como diz o apóstolo Pedro? Cada um é ungido para o sacerdócio, ungido para o reino, mas trata-se de reino espiritual e sacerdócio espiritual.

4. Também na segunda tenda havia o altar do incenso. O altar do incenso é aquele que costuma espalhar bom odor. Portanto, também vós sois o bom odor de Cristo, pois em vós já não existe nenhum tipo de faltas, nenhum odor de erro mais grave.

2. 5. Depois disso, devíeis vos aproximar do altar. Aproximaste-vos, os anjos olharam, viram que vos aproximá-veis e de repente viram resplandecer aquela condição humana, que outrora estava suja pela tenebrosa sujeira dos pecados. Então disseram: “Quem é esta que sobe do deserto alvejada?” (Ct 8,5). Portanto, também os anjos ficam admirados. Queres saber até que ponto eles se admiram? Escuta o apóstolos Pedro dizendo que nos foram concedidas coisas que até os anjos desejam ver. Ouve ainda: “O que olho não viu, nem ouvido ouviu, é o que preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2,9).

6. Portanto, reconhece aquilo que recebeste. O santo profeta Davi viu e desejou essa graça. Queres saber quanto ele a desejou? Escuta novamente o que ele disse: “Asperge-me com o hissopo e serei purificado; lavar-me-ás, e me tornarei mais branco do que a neve” (Sl 50,9). Por quê? Porque a neve, embora seja branca, torna-se negra e se corrompe imediatamente com qualquer sujeira; esta graça que recebeste, se conservares o que recebeste, será contínua e perpétua.

7. Vinhas, portanto, desejando, por teres visto tal graça; vinhas ao altar, desejando receber o sacramento. Tua alma diz: “Aproximar-me-ei do altar de Deus, do Deus que alegra a minha juventude” (Sl 42,4). Depuseste a velhice dos pecados, assumiste a juventude da graça. Foi isso que te concederam os sacramentos celestes. De novo, escuta o que Davi diz: “Tua juventude se renovará como a da águia” (Sl 102,5). Tu começaste a ser boa águia que se lança para o céu e despreza o que é terreno. As boas águias estão em torno do altar: de fato, “onde está o corpo, aí estão também as águias” (Mt 24,28). O altar tem a forma do corpo e o corpo de Cristo está no altar. Vós sois águias renovadas pela ablução da falta.

3. 8. Vieste até o altar, olhaste os sacramentos postos sobre o altar e te admiraste dessa própria criatura; todavia, é uma criatura solene e conhecida.

9. Alguém poderá perguntar: “Deus concedeu tão grande graça aos judeus, fazendo-lhes chover o maná do céu” (cf Ex 16,13-15). O que mais ele deu aos seus fiéis? O que mais ele deu àqueles aos

quais mais pro-meteu?

10. Recebe o que digo: os mistérios dos cristãos são mais antigos do que os dos judeus e os sacramentos dos cristãos são mais divinos do que os dos judeus. De que modo? Escuta. Quando os judeus começaram a existir? Certamente desde Judá, bisneto de Abraão, ou, se queres assim entender, desde a Lei, isto é, desde que mereceram receber o direito de Deus. É, portanto, por causa do bisneto de Abraão, que foram chamados judeus no tempo do santo Moisés. Deus, então fez chover do céu o maná para os judeus que murmuravam. Mas para ti, a figura desses sacramentos veio antes, no tempo de Abraão, quando ele reuniu trezentos e dezoito servos, perseguiu os inimigos e arrancou seu neto do cativo. Então voltou vitorioso, e o sacerdote Melquisedec veio ao seu encontro e ofereceu pão e vinho (cf. Gn 14,14-18). Quem tinha o pão e o vinho? Abraão não tinha. Quem os tinha? Melquisedec. É ele, portanto, o autor dos sacramentos. Quem é Melquisedec, que significa rei de justiça, rei de paz? (Hb 7,2). Quem é esse rei de justiça? É possível que algum homem possa ser rei de justiça? Quem é, portanto, rei de justiça, senão a justiça de Deus? Quem é a paz de Deus, a sabedoria de Deus? (cf. 1Cor 1,30). Aquele que pode dizer: “Dou-vos a minha paz, deixo-vos a minha paz” (Jo 14,27).

11. Portanto, de início, compreende que esses sacramentos que recebes são mais antigos do que os sacramentos que os judeus dizem ter, e que o povo cristão começou antes que o povo dos judeus começasse, nós por predestinação, eles por nome.

12. Melquisedec, portanto, ofereceu pão e vinho. Quem é Melquisedec? “Sem pai, sem mãe, sem genealogia, sem início dos dias, nem fim de sua vida, semelhante ao Filho de Deus” (Hb 7,3). Isso consta na epístola aos Hebreus. Sem pai e sem mãe, diz ela. O Filho de Deus nasceu sem mãe pela geração celeste, pois ele nasceu unicamente de Deus Pai. Por outro lado, nasceu sem pai, quando nasceu da virgem. Ele, de fato, não foi gerado por sêmen de homem, mas nasceu do Espírito Santo e da virgem Maria; saído de seio virginal. Semelhante em tudo ao Filho de Deus, Melquisedec era também sacerdote, pois também Cristo é sacerdote e a ele se diz: “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec” (Sl 109,4).

4. 13. Quem é, portanto, o autor dos sacramentos, senão o Senhor Jesus? Esses sacramentos vieram do céu, pois todo desígnio vem do céu. Entretanto, é um grande e divino milagre Deus ter feito chover do céu o maná para o povo, de modo que o povo não trabalhava e comia.

14. Talvez digas: “Meu pão é comum. Mas este pão é pão antes das palavras sacramentais; depois da consagração, o pão se transforma em carne de Cristo. Demonstremos isso. Como pode ser que o pão pode se tornar corpo de Cristo? Com quais palavras se fez a consagração e com palavras de quem? Do Senhor Jesus. Com efeito, todo o resto que se diz antes, é dito pelo sacerdote: louva-se a Deus, dirige-se-lhe oração, pede-se pelo povo, pelos reis (cf. 2Tm 2,12) e pelos outros. No momento em que se realiza o venerável sacramento, o sacerdote já não usa as suas próprias palavras, mas as palavras de Cristo. Portanto, é a palavra de Cristo que produz o sacramento.

15. Qual é a palavra de Cristo? É aquela pela qual todas as coisas foram feitas. O Senhor ordenou e o céu foi feito. O Senhor ordenou, e a terra foi feita. O Senhor ordenou, e os mares foram feitos. O Senhor ordenou e toda criatura foi criada. Vês, portanto, como é eficaz a palavra de Cristo! Se há tanta força na palavra do Senhor Jesus, de modo que as coisas que não existiam comesçassem a existir, tanto mais é eficaz para que aquela coisa que existiu se transformasse em outra coisa. O céu não existia, o mar não existia, a terra não existia; ouve, porém, o que diz Davi: “Ele disse, e foram feitas; ele ordenou, e foram criadas” (Sl 32,9; 148,5).

16. Portanto, para te responder, antes da consagração não era o Corpo de Cristo, mas te digo que depois da consagração já é corpo de Cristo. Ele disse, e foi feito; ele ordenou, e foi criado. Tu

também existias, mas eras uma velha criatura; depois que foste consagrado, começaste a ser uma nova criatura. Queres saber quão grande é a nova criatura? Todo “aquele que está em Cristo é nova criatura” (2Cor 5,17).

17. Escuta, portanto, como a palavra de cristo costuma mudar toda criatura e muda, quando quer, as leis da natureza. Perguntas como? Escuta. Antes de tudo, tomemos o exemplo de seu nascimento. É natural que não se gere homem, a não ser de um homem e de uma mulher, através da relação conjugal. Mas porque o Senhor quis, porque escolheu esse sacramento, Cristo nasceu do Espírito Santo e de uma virgem, isto é, “o homem Jesus Cristo é mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2,5). Vês, portanto, que um homem nasceu de uma virgem contra as leis e ordem da natureza.

18. Escuta outra coisa. O povo dos judeus estava encurralado pelos egípcios, sem saída por causa do mar. Por ordem divina, a vara de Moisés tocou as águas e as ondas se dividiram (cf. Ex 14,21), não certamente conforme o costume de sua natureza, mas conforme a graça da ordem divina. Escuta outra coisa. O povo estava com sede e foi até à fonte. A fonte era amarga, o santo Moisés lançou madeira na fonte, e a fonte que era amarga se tornou doce, isto é, mudou o habitual de sua natureza e recebeu a doçura da graça (cf. Ex 15,23-25). Escuta também um quarto exemplo. O ferro do machado caíra na água e, segundo sua habitude de ferro, afundou. Eliseu jogou a madeira e o ferro imediatamente subiu e veio à tona (cf. 2Rs 6,5-6), certamente contra a habitude do ferro, pois é matéria mais pesada do que o elemento das águas.

19. Tudo isso não faz com que entendas o que a palavra celeste realiza? Se a palavra celeste age na fonte terrena, se age em outras coisas, não agirá nos sacramentos celestes? Aprendeste, portanto, que o pão se transforma em corpo de Cristo, e que é o vinho, que é a água que se derrama no cálice, mas que pela consagração celeste se transforma em sangue.

20. Talvez digas: “Não vejo aparência de sangue”. Mas há o símbolo. Do mesmo modo como assumiste o símbolo da morte, assim também bebes o símbolo do precioso sangue, para que não haja nenhum horror de sangue derramado e, no entanto, se realize o preço da redenção. Aprendeste, portanto, que aquilo que recebes é o corpo de Cristo.

5. 21. Queres saber mediante quais palavras celestes se consagra? Escuta quais são as palavras. O sacerdote diz: “Faze para nós com que esta oferta seja aprovada, espiritual, aceitável, porque é a figura do corpo e do sangue de nosso Senhor Jesus Cristo. O qual, antes de sua paixão, tomou o pão em suas santas mãos, olhou para o céu, para ti, Pai santo, Deus todo-poderoso e eterno, deu graças, o abençoou, o partiu, e partindo o deu a seus apóstolos e discípulos, dizendo: ‘Tomai e comei disso todos, porque isto é o meu corpo que será partido para muitos’.”

22. Presta atenção. “Do mesmo modo, tomou também o cálice depois da ceia, antes de sua paixão, olhou para o céu, para ti, Pai santo, Deus todo-poderoso e eterno, deu graças, o abençoou, deu a seus apóstolos e discípulos, dizendo: ‘Tomai e bebei disso todos, porque este é o meu sangue’ ” (cf. Mt 26,26-28; Lc 22,19s; 1Cor 11,23ss). Vê que são todas palavras do evangelista até “tomai”, se-ja o corpo, seja o sangue. A partir daí, são palavras de Cristo: “Tomai e bebei disso todos, porque este é o meu sangue”.

23. Repara também nos pormenores. O qual, antes de sua paixão, tomou o pão em suas santas mãos. Antes da consagração, é pão; mas quando as palavras de Cristo aparecem, é corpo de Cristo. Escuta então o que ele diz: “Tomai e comei disso todos, porque isto é o meu corpo”. Antes das palavras de Cristo, também o cálice está cheio de vinho e de água; do momento em que as palavras de Cristo são usadas, isso torna-se o sangue que redimió o povo. Vede, portanto, de quais maneiras a palavra de Cristo tem poder para transformar tudo. Além disso, o próprio Senhor Jesus testemunhou-nos que recebemos seu corpo e seu sangue. Por acaso, devemos duvidar da fidelidade do seu

testemunho?

24. Volta comigo agora ao meu assunto. De fato, é grande e venerável que o maná tenha chovido do céu para os judeus. Mas procura entender. O que é maior: o maná do céu ou o Corpo de Cristo? Sem dúvida, o corpo de Cristo, que é o criador do céu. Com efeito, aquele que comeu o maná, morreu; quem comer este corpo terá a remissão dos pecados e “não morrerá para sempre” (cf. Jo 6,49-59).

25. Não é sem razão que dizes: “Amém”, confessando em espírito que recebes o corpo de Cristo. Quando te apresentas, o sacerdote te diz: “Corpo de Cristo”, e tu respondes: “Amém”, isto é, “é verdadeiro”. O que a língua confessa, que a convicção o conserve. Para que saibas: este é o sacramento, cuja figura veio antes.

6. 26. Conhece então qual é a grandeza do sacramento. Vê o que ele diz: “Todas as vezes que fizerdes isso, fazei-o em minha memória, até o dia em que eu retornar” (cf. 1Cor 11,26).

27. O sacerdote também diz: “Celebrando, pois, a memória de sua gloriosíssima paixão, da ressurreição dos infernos e da ascensão ao céu, nós te oferecemos esta hóstia imaculada, hóstia espiritual, hóstia incruenta, este pão santo e o cálice da vida eterna, e te pedimos e suplicamos para que aceites esta oferta no teu sublime altar pelas mãos dos teus anjos, assim como dignaste aceitar as ofertas do teu servo o justo Abel, o sacrifício do nosso patriarca Abraão e o que te ofereceu o sumo sacerdote Melquisedec”.

28. Portanto, todas as vezes que o recebes, o que é que o apóstolo te diz? Todas as vezes que o recebemos, anunciamos a morte do Senhor (1Cor 11,26). Se (anunciamos) a morte, anunciamos a remissão dos pecados. Se, todas as vezes que o sangue é derramado, é derramado para a remissão dos pecados, devo recebê-lo sempre, para que perdoe sempre os meus pecados. Eu que peço sempre, devo sempre ter um remédio.

29. Até agora e também hoje, nós vos demos os esclarecimentos que nos foi possível, amanhã e sábado, porém, falaremos o quanto possível sobre a oração dominical e a ordem da oração. Que o Senhor nosso Deus vos conserve a graça que vos deu e que ele se digne iluminar mais plenamente os vossos olhos que ele abriu, por seu Filho unigênito, rei e salvador, Senhor nosso Deus, pelo qual e com o qual, ele tem o louvor, a honra, a glória, a majestade, o poder, com o Espírito Santo, desde os séculos, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

V LIVRO

1. 1. Ontem, o nosso sermão e instrução chegou até os sacramentos do santo altar e soubemos que a figura desses sacramentos foi anterior a Abraão, quando o santo Melquisedec, “que não tem início de dias, nem fim”, ofereceu um sacrifício. Ouve, ó homem, aquilo que o apóstolo Paulo diz aos hebreus. Onde estão aqueles que dizem que o Filho de Deus é temporal? Foi dito que Melquisedec não tem início de dias, nem fim. Se Melquisedec não tem início de dias (Hb 7,3), pode Cristo tê-lo? A figura não é mais do que a realidade. Vês, portanto, que ele é “o primeiro e o último” (Ap 1,17); primeiro, porque é criador de tudo; último, não porque terá fim, mas porque completa tudo.

2. Dissemos que o cálice e o pão têm seu lugar sobre o altar. O que se coloca no cálice? Vinho. E o que mais? Água. Tu, porém, me dizes: “Como assim? Melquisedec ofereceu pão e vinho. O que significa a mistura de água?” Ouve o motivo.

3. Antes de tudo, a figura que a precedeu, no tempo de Moisés, o que contém? Como o povo dos judeus tivesse sede e murmurasse porque não podia encontrar água, Deus ordenou a Moisés que tocasse a rocha com a vara. Tocou a rocha e a rocha jorrou corrente abundante (cf. 17,17), tal como o Apóstolo diz: “Eles bebiam da rocha que acompanhava, ora, a rocha era Cristo” (1Cor 10,4). Não uma rocha imóvel, pois ela acompanhava o povo. Bebe também tu, para que Cristo te acompanhe. Vê o mistério! Moisés, isto é: um profeta; com a vara, isto é: com a palavra de Deus. O sacerdote toca a rocha com a palavra de Deus, a água flui e o povo de Deus bebe. O sacerdote, portanto, toca o cálice, a água extravasa no cálice, jorra para a vida eterna (cf. Jo 4,14), e o povo de Deus que obteve a graça bebe.

4. Aprendeste, portanto, isso. Escuta também outra coisa. No tempo da paixão do Senhor, como o grande sábado se aproximasse, porque nosso Senhor Jesus Cristo ainda vivia e também os ladrões, foram enviadas pessoas para os ferirem. Ao chegar, encontraram nosso Senhor Jesus Cristo morto. Então um dos soldados atingiu o lado dele com a lança e do seu lado saiu água e sangue (cf. Jo 19,31-34). Por que água? Por que sangue? Água para purificar, sangue para redimir. Por que do lado? Porque onde há a culpa, aí também há graça. A culpa veio pela mulher, a graça por nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Jo 1,17).

2. 5. Tu te aproximaste do altar. O Senhor Jesus chama a ti, ou a tua alma ou a Igreja e diz: “Que ele me beije com beijos de sua boca” (Ct 1,1). Queres aplicar isso a Cristo? Nada mais agradável. Queres aplicar à tua alma? Nada mais doce.

6. Que ele me beije. Ele vê que és puro de todo o pecado, porque tuas faltas foram lavadas. Por isso, te julga digno dos sacramentos celestes e, por isso, te convida para o celeste convívio: Que ele me beije com beijos de sua boca.

7. Entretanto, pelo que segue, tua alma ou a condição humana ou a Igreja, vendo-se purificada de todos os pecados e digna de poder se aproximar do altar de Cristo (cf. 4,7) — o que é, de fato, o altar de Cristo senão a imagem do corpo de Cristo? — vê os admiráveis sacramentos e diz: “Que ele me beije com beijos de sua boca”, isto é, que o Cristo me dê um beijo.

8. Por quê? “Porque os teus seios são melhores do que o vinho” (Ct 1,1), isto é: teus pensamentos, teus sacramentos são melhores do que o vinho, daquele vinho que, embora tenha suavidade, tenha alegria, tenha gosto agradável, no entanto há nele uma alegria deste mundo, enquanto em ti há alegria espiritual. De fato, Salomão já representa as núpcias, seja de Cristo com a Igreja, seja do espírito com a carne, seja do espírito com a alma.

9. E acrescenta: “Teu nome é um perfume que escorre; por isso, as donzelas te amaram” (Ct 1,2).

Quem são essas donzelas, senão todas as almas que depuseram a velhice deste corpo, renovadas pelo Espírito Santo?

10. “Atrai-nos, e correremos atrás do odor de teus perfumes” (Ct 1,3). Vê o que ele diz: Não podes seguir a Cristo a não ser que ele te atraia. Ainda, para que saibas, ele, diz: “Quando eu for exaltado, atrairei todas as coisas a mim” (Jo 12,32).

11. “O rei introduziu-me em seu aposento” (Ct 1,4). O grego diz: “em sua dispensa” ou “em seu celeiro”, lá onde existem boas bebidas, bons perfumes, mel doce, diversos frutos, várias iguarias, para que tua refeição seja reforçada com numerosas iguarias.

3. 12. Portanto, te aproximaste do altar, recebeste o corpo de Cristo. Escuta de novo quais sacramentos recebeste. Ouve o que diz o santo Davi. Ele previa no Espírito estes mistérios, alegrava-se e dizia que nada lhe faltava. Por quê? Porque quem recebe o corpo de Cristo jamais passará fome (Jo 6,35).

13. Quantas vezes ouviste o salmo 22 e não entendeste. Vê como ele se aplica bem aos celestes sacramentos. “O Senhor me apascenta e nada me faltará. Ele me colocou em lugar de pastagem. Ele me conduziu junto à água que reconforta, ele converteu a minha alma. Mesmo que eu caminhe na sombra da morte, não temerei os males, porque estás comigo. O teu cetro e o teu cajado me sustentam”. O cetro é o poder, o cajado é o sofrimento, isto é, a eterna divindade de Cristo, mas também o seu sofrimento corporal; aquela criou, este redemiu. “Preparaste uma mesa diante de mim contra aqueles que me atribulam. Ungiste a minha cabeça com óleo e o teu corpo inebriante, que é excelente” (Sl 22,1-5).

14. Vós vos aproximastes do altar, recebestes a graça de Cristo, obtivestes os sacramentos celestes. A Igreja se alegra com a redenção de muitos e se rejubila com exultação espiritual por ter junto a si uma família vestida de branco. Encontras isso no Cântico dos cânticos. Ela, que se alegrou, invoca Cristo, tendo preparado um banquete que parece digno de festim celeste. Por isso, diz: “Que meu irmão desça ao seu jardim e colha os frutos de suas árvores” (Ct 5,1). O que são essas árvores frutíferas? Em Adão, tu te transformaste em lenho seco, mas agora, pela graça de Cristo, estais cheios de árvores frutíferas.

15. O Senhor Jesus aceitou de boa vontade e respondeu à sua Igreja com bondade celeste: “Desci ao meu jardim, colhi mirra com meus perfumes, comi meu pão com meu mel, bebi o meu vinho com o meu leite”. Ele diz: “Comei, meus irmãos, e inebriai-vos” (Ct 5,1).

16. Colhi mirra com meus perfumes. O que é esta vindima? Procurai conhecer a vinha e conhecereis a vindima. Ele diz: “Transplantaste do Egito a minha vinha” (Sl 79,9), isto é, o povo de Deus. Vós sois a vinha, vós sois a vindima; plantados como vinha, destes frutos como uma vindima. Colhi mirra com meus perfumes, isto é, no odor que recebestes.

17. Comi meu pão com meu mel. Vês que nesse pão não há nenhuma amargura, mas é todo doçura. Bebi o meu vinho com o meu leite. Vê que se trata de uma alegria que não foi contaminada pelas sujeiras de nenhum pecado. Assim, todas as vezes que bebes, recebes a remissão dos pecados e te inebrias no Espírito. Por isso, o Apóstolo também diz: “Não vos inebrieis com o vinho, mas enchei-vos do Espírito” (Ef 5,18). Quem se embriaga com o vinho tropeça e titubeia; quem se inebria com o Espírito está enraizado em Cristo. É, portanto, uma excelente embriaguez que realiza a sobriedade da mente. São essas coisas sobre os sacramentos que expusemos brevemente.

4. 18. O que resta ainda senão a oração? Não julgueis que é sem importância saber de que maneira deveis orar. Os santos apóstolos pediam ao Senhor Jesus: “Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos”. Então o Senhor pronunciou esta oração: “Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino, seja feita a tua vontade assim no céu como na terra. O

pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes ser induzidos em tentação, mas livra-nos do mal” (Lc 11,1-4; Mt 6,9-13). Vês como essa oração é curta e cheia de todas as qualidades. Como a primeira palavra é cheia de graça!

19. Homem, tu não ousavas levantar o teu rosto para o céu, mas baixavas os teus olhos para a terra, e de repente recebeste a graça de Cristo e todos os teus pecados foram perdoados. De mau servidor, tu foste feito um bom filho. Portanto, não confies em tua ação, mas na graça de Cristo. “Fostes salvos pela graça”, diz o Apóstolo (Ef 2,5). Não a presunção, mas a fé. Proclamar o que recebeste não é soberba, mas devoção. Portanto, levanta os olhos para o Pai, que te gerou pelo banho, para o Pai, que te redimiou por meio de seu Filho, e diz: Pai nosso. É uma pretensão justa, mas moderada. Tu o chamas Pai, como um filho, mas não reivindiques para ti qualquer privilégio. Ele é Pai de modo especial somente de Cristo; para nós todos, ele é o Pai comum, pois ele gerou somente a Cristo, e a nós criou. Dize, portanto, também tu, por graça: “Pai nosso”, para que mereças ser seu filho. Recomenda a ti mesmo ao favor e à consideração da Igreja.

20. Pai nosso que estás nos céus. O que significa nos céus? Ouve o que diz a Escritura: “O Senhor está elevado acima de todos os céus” (Sl 112,4). Tu encontras em todo lugar que o Senhor está acima dos céus dos céus, como se os anjos não estivessem também nos céus, e como também se as dominações não estivessem nos céus, mas naqueles céus dos quais foi dito: “Os céus contam a glória de Deus” (Sl 18,2). O céu está onde cessou a falta; o céu está onde os crimes descansam; o céu está onde não existe nenhuma ferida da morte.

21. Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. O que significa seja santificado? É como se nós desejássemos que fosse santificado aquele que diz: “Sede santos, porque eu sou santo” (Lv 19,2), como se alguma palavra nossa pudesse acrescentar algo à santidade dele. Não! Mas para que ele seja santificado em nós, a fim de que a sua santificação possa chegar a nós.

22. Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino. Como se o Reino de Deus não fosse eterno! O próprio Jesus diz: “Nele eu nasci” (Jo 18,37), e tu dizes ao Pai: “Que o teu Reino venha”, como se ele não tivesse vindo. Mas o Reino de Deus chegou quando obtivestes a sua graça. De fato, ele próprio diz: “O Reino de Deus está em vós” (Lc 17,21).

23. Venha o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim no céu como na terra. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Todas as coisas foram pacificadas pelo sangue de Cristo tanto no céu como na terra o céu foi santificado e o diabo foi expulso: (cf. Cl 1,20). Ele se encontra agora onde está o homem que ele enganou. Seja feita a tua vontade, isto é, haja paz na terra, assim como no céu.

24. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Lembro-me do que dizia quando eu tratava dos sacramentos. Eu vos disse que antes das palavras de Cristo o que se oferece chama-se pão; depois que as palavras de Cristo foram pronunciadas, já não se diz pão, mas chama-se corpo. Por que na oração dominical, que segue imediatamente, se se diz: “pão nosso”? Diz, de fato, pão, mas diz *epiôusion*, isto é, substancial. Não é este pão que entra no corpo, mas aquele pão da vida eterna que reconforta a substância da nossa alma. Por isso, diz-se em grego *epiôusios*. O latim chama este pão de cotidiano, porque os gregos chamam o amanhã de *tén epiousan heméran*. Portanto, o que diz o latim e o que diz o grego parecem igualmente úteis. O grego exprimiu os dois sentidos por uma só palavra, e o latim o chama de cotidiano.

25. Se o pão é cotidiano, porque esperarías um ano para recebê-lo, como costumam os gregos fazer no Oriente? Recebe a cada dia o que te é de proveito para cada dia. Vive de tal maneira que mereças recebê-lo a cada dia. Aquele que não merece recebê-lo a cada dia, não merece recebê-lo depois de um ano. Era assim que o santo Jó oferecia a cada dia um sacrifício por seus filhos, para o

caso de algum deles haver pecado no coração ou em palavras (cf. Jó 1,5). Tu, portanto, ouves dizer que cada vez que se oferece o sacrifício, mostra-se a morte do Senhor, a ressurreição do Senhor, a ascensão do Senhor (cf. 1Cor 11,26), assim como a remissão dos pecados. E tu não recebes este pão da vida a cada dia? Quem tem uma ferida procura um remédio. É uma ferida estarmos submetidos ao pecado, e o remédio é o celeste e venerável sacramento.

26. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Se o recebes a cada dia é para ti hoje. Se Cristo é para ti hoje, ele ressuscita cada dia para ti. Como? “Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei” (Sl 2,7). Portanto, hoje é quando Cristo ressuscita. “Ele é o mesmo ontem e hoje” (Hb 13,8), diz o apóstolo Paulo. Mas ele diz em outro lugar: “A noite passou, o dia de hoje chegou” (Rm 13,12).

27. Continuando: Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores. O que é a dívida senão o pecado? Portanto, se não recebesses dinheiro de agiota estrangeiro, não estarias na miséria, e por isso o pecado é atribuído a ti. Tiveste dinheiro com o qual terias nascido rico. Eras rico, feito à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26-27). Perdeste o que tinhas, isto é, a humildade, quando desejas te vingar da arrogância, perdeste o dinheiro, como Adão te tornaste nu, aceitaste uma dívida do diabo que não era necessária. E assim, tu que eras livre em Cristo, te tornaste devedor do diabo. O inimigo possuía a tua promissória, mas o Senhor a crucificou e a destruiu pelo seu sangue (cf. Cl 2,14), acabou com a tua dívida e te deu novamente a liberdade.

28. Portanto, ele diz bem: Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores. Vê o que dizes: Como eu perdôo, assim também tu me perdoas. Se perdoares, fazes um bom acordo para que sejas perdoado. Se não perdoas, como fazes acordo com ele?

29. E não nos deixes ser induzidos em tentação, mas livra-nos do mal. Vê o que dizes: E não nos deixes ser induzidos em tentação, à qual não podemos resistir. Não diz: “Não nos induzas em tentação”, mas como o atleta quer uma tentação a que a condição humana possa resistir e que cada um seja libertado do mal, isto é, do inimigo, do pecado.

30. O Senhor, porém, que tirou o vosso pecado e perdoou vossas faltas, é poderoso para vos proteger e guardar contra as insídias do diabo que vos dá combate, para que o inimigo, que costuma gerar a culpa, não vos surpreenda. Mas quem se entrega a Deus não teme o diabo. De fato, “se Deus está conosco, quem contra nós?” (Rm 8,31). A ele, portanto, o louvor e a glória desde os séculos, agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém.

VI LIVRO

1. Assim como nosso Senhor Jesus Cristo é o verdadeiro Filho de Deus, não pela graça como os homens, mas como Filho de Deus da substância do Pai, assim também, como ele mesmo disse, o que recebemos é verdadeira carne e a bebida é o seu verdadeiro sangue (cf. Jo 6,56).

2. Talvez digas — o que naquele tempo disseram também os discípulos de Cristo, quando o ouviram dizer: “Todo aquele que não comer a minha carne e não beber o meu sangue não permanecerá em mim, nem terá a vida eterna” (cf. Jo 6,54) — talvez digas: Como verdadeira? O que eu vejo é aparência, eu não vejo a realidade do sangue.

3. Antes de tudo, eu te disse, a respeito da palavra de Cristo que age, que ele pode mudar e transformar as leis gerais da natureza. Além disso, quando os discípulos de Cristo não suportaram a sua palavra, mas ao ouvirem que ele daria sua carne para comer e daria seu sangue para beber, eles se retiraram (cf. Jo 6,61-62), e apenas Pedro disse: “Tu tens palavras de vida, para onde irei eu longe de ti?” (Jo 6,69). Para que muitos não digam isso, sob o pretexto de certa repugnância do sangue derramado, mas para que a graça da redenção permaneça, recebes então os sacramentos de maneira simbólica; recebes, porém, a graça e a virtude da real natureza.

4. Ele diz: “Eu sou o pão vivo que desci do céu” (Jo 6,41). A carne, porém, não desce do céu, isto é, foi da virgem que ele assumiu a carne na terra. Como então o pão, e o pão vivo, desceu do céu? Porque nosso Senhor Jesus Cristo participa tanto da divindade como do corpo, e tu, que recebes a carne, participas de sua substância divina por esse alimento.

2. 5. Tu participaste, portanto, dos sacramentos e tens pleno conhecimento de tudo, pois foste batizado em nome da Trindade. Em tudo o que fizemos, foi conservado o mistério da Trindade. Em todo lugar estão o Pai, o Filho e o Espírito Santo, uma só operação, uma só santificação, embora pareça haver alguns traços distintivos.

6. Como? É Deus que te ungiu e o Senhor que te marcou com um selo e pôs o Espírito Santo em teu coração. Recebeste, portanto, o Espírito Santo em teu coração. Escuta outra coisa. Assim como o Espírito Santo está no coração, também Cristo está no coração. Como? Entras isso no Cântico dos cânticos, onde Cristo diz à Igreja: “Põe-me como um selo em teu coração, como um selo em teus braços” (Ct 8,6).

7. Deus, portanto, te ungiu e Cristo te marcou com um selo. Como? Foste marcado com a forma de sua cruz, sinal da sua paixão. Recebeste o sinal para te assemelhar a ele, para que ressuscites à sua imagem, vivas ao exemplo dele, que foi crucificado para o pecado e vive para Deus. E o teu homem velho, submerso na fonte, foi crucificado para o pecado, mas ressuscitou para Deus.

8. Em seguida, tens algo de particular: foi Deus que te chamou, e no batismo foste crucificado com Cristo de maneira mais especial; depois, de modo especial, quando recebes o selo espiritual. Vês que existe distinção de pessoas, mas que todo o mistério da Trindade está conexo.

9. Além disso, o que te disse o Apóstolo, como foi lido antes de ontem? “Há diversidade de graças, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos” (1Cor 12,4-6). É Deus, diz ele, que realiza tudo. Mas foi lido também sobre o Espírito de Deus: “É um só e mesmo Espírito que reparte a cada um como quer” (1Cor 12,11). Ouve a Escritura, a que diz que o Espírito reparte conforme sua vontade e não por obediência. O Espírito, portanto, vos repartiu a graça conforme quer e não como foi mandado, principalmente porque o Espírito de Deus é o Espírito de Cristo. Guardai bem isto: ele é o Espírito Santo, o Espírito de Deus, o Espírito de Deus e o Espírito Paráclito.

10. Os arianos julgam rebaixar o Espírito Santo se o chamarem de Espírito Paráclito. O que é o Paráclito senão o Consolador? Como se não se lesse também que ele é o Deus de consolação. Vês que eles julgam rebaixar o Espírito Santo por aquilo que serve para proclamar o poder do Pai eterno com sentimento de afeto.

3. 11. Escutai agora como devemos orar. São muitas as virtudes da oração. Não é sem importância, nem de menos monta o lugar onde deves rezar. O Apóstolo diz: “Quero que os homens rezem em todo lugar, elevando mãos puras, sem ira e sem discussão” (1Tm 2,8). E o Senhor diz no Evangelho: “Tu, quando rezares, entra em teu quarto e, fechada a porta, reza ao teu Pai” (Mt 6,6). Não te parece coisa contraditória que o Apóstolo diga: “Reza em todo lugar”, e o Senhor diga: “Reza dentro do teu quarto”? Mas não é contradição. Tratemos primeiro disso, depois do modo como deves começar a oração, em que ordem dividi-la, o que deves expor, o que alegar, como concluir a oração e, finalmente, por quem deves rezar. Aprendamos tudo isso.

12. Em primeiro lugar, onde deves orar? Paulo parece dizer uma coisa e o Senhor outra. Será que Paulo pode ensinar algo contrário aos preceitos de Cristo? Certamente não. Por que razão? Porque ele não é adversário, e sim intérprete de Cristo. Com efeito, ele diz: “Sede meus imitadores, assim como eu o sou de Cristo” (1Cor 4,16; 11,1). O quê então? Podes rezar em todo lugar e rezar sempre no teu quarto. Tu tens o teu quarto em todo lugar. Mesmo que estejas entre os pagãos ou entre os judeus, sempre tens em todo lugar o teu segredo. O teu quarto é o teu espírito. Mesmo que estejas no meio do povo, conservas, no entanto, dentro do homem o teu lugar fechado e secreto.

13. Tu, quando rezas, entra em teu cubículo. Ele diz bem: entra, para que não rezes como os judeus aos quais foi dito: “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Is 9,13; Mt 15,8). Que tua oração, portanto, não saia apenas dos teus lábios. Põe toda atenção do teu ânimo, entra no íntimo do teu peito, e entra aí todo inteiro. Que aquele a quem desejas agradar não te encontre negligente. Que ele veja que rezas de coração, para que, rezando de coração, ele se digne ouvir-te.

14. Tu, porém, quando orares, entra em teu quarto. Entras isso em outro lugar: “Vai, meu povo, entra em teu recesso, esconde-te um pouco, até que passe a ira do Senhor” (Is 26,20). O Senhor disse isso por meio do profeta. No Evangelho, porém, ele diz: “Tu, quando rezares, entra em teu quarto e, fechada a porta, reza ao teu Pai”.

15. O que significa porta fechada? Que porta temos nós? Sabe que tens uma porta que deves fechar quando rezas. Deus queira que as mulheres ouçam! Tu já ouviste, quando o santo Davi te ensinou, dizendo: “Senhor, põe uma guarda em minha boca e uma porta em torno dos meus lábios” (Sl 140,3). Há também uma porta da qual fala o apóstolo Paulo: “Para que abra para mim a porta da palavra, a fim de falar do mistério de Cristo” (Cl 4,3), isto é: quando rezas, não fiques gritando, não espalhe a tua oração, nem te vanglories no meio das pessoas: reza secretamente em ti mesmo, seguro de que aquele que tudo vê e tudo ouve, pode te ouvir em segredo, e “reza então ao teu Pai escondidamente”. De fato, “aquele que vê o que está escondido” (Mt 6,6), ouve a tua oração.

4. 16. Todavia, perguntemo-nos que proveito tem isso, por qual motivo devemos antes rezar em segredo em vez de rezar aos gritos. Ouve. Tomemos um exemplo do costume dos homens. Se pedes a alguém que logo ouve, não crês seja necessário gritar, mas pedes em voz baixa. Se pedes a um surdo, não comesas a gritar, para que ele te possa ouvir? Portanto, aquele que grita, pensa que Deus só pode ouvi-lo se gritar, e ao pedir a ele, rebaixa o seu poder. Contudo, aquele que reza em silêncio, testemunha sua fé e reconhece que Deus perscruta o coração e os rins, e que ele ouve a tua oração, antes que ela saia de tua boca.

17. Vejamos, portanto: Quero que os homens rezem em todo lugar. Por que motivo ele diz homens?

É claro que a oração é comum para as mulheres e os homens. Não vejo motivo, a não ser talvez que o santo apóstolo falou dos homens, para que as mulheres não façam uso disso, compreendendo mal “em todo lugar” e comecem a gritar em todo lugar, quando não podemos suportá-las na Igreja.

18. Quero que os homens, isto é, aqueles que são capazes de observar o preceito, rezem em todo lugar, levantando as mãos puras. O que significa levantando as mãos puras? Significa que deves na tua oração mostrar aos pagãos a cruz do Senhor? É, sem dúvida, um sinal que deve produzir coragem e não vergonha. Todavia, há um meio para rezares sem fazer gesto: eleva teus atos. Se queres realizar o teu gesto eleva as mãos puras pela inocência. Tu não as levantas todos os dias: tu as levantaste uma vez, e não é necessário que as levantes de novo.

19. Quero que os homem rezem em todo lugar, elevando mãos puras, sem ira e sem discussões. Nada de mais verdadeiro. “A ira provoca a perda até dos sábios” (Pr 15,1). Portanto, em toda circunstância, o quanto possível, o homem cristão deve moderar a sua ira, principalmente quando se propõe a rezar. Para que a indignação não perturbe o teu ânimo e para que o furor da ira não impeça a tua oração, dispõe-te quando o teu íntimo está tranqüilo. Por que irritar-te? Teu servo cometeu erro? Tu te dispões à oração para que as tuas próprias faltas sejam perdoadas e te indignas com o outro. Isto é, portanto, o que significa sem ira.

5. 20. Vejamos agora o que significa discussões. Na maioria das vezes, reza-se como negociante: o avarento pensa no dinheiro, outro no lucro, outro na honra, outro na cupidez, e cada um pensa que Deus possa atendê-lo. Portanto, quando rezas, convém que ponhas as coisas divinas antes das coisas humanas.

21. “Também quero que as mulheres rezem sem ostentar seus enfeites e jóias” (1Tm 2,9), diz o apóstolo Paulo. Mas o apóstolo Pedro também diz: “A graça da mulher tem mais importância, para que a boa conduta da mulher transforme os sentimentos do seu marido e para que o descrente se submeta à graça de Cristo” (1Pd 3,1). Esta é a importância da seriedade, da pureza e da boa conduta da mulher: ela chama seu marido à fé e à devoção, efeito produzido freqüentemente pela palavra de homem prudente. “Que a mulher, portanto, não tenha seu ornamento no enfeite dos cabelos ou nas tranças, mas na oração de coração puro, onde se encontra o homem escondido de coração que é sempre rico junto de Deus” (1Pd 3,3-4). Sabes, portanto, em que deves ser rico. A tua riqueza em Cristo são o pudor e a castidade; os ornamentos de tua fé são o fervor e a misericórdia. Estes são os tesouros da justiça, como relembrou o profeta.

22. Em seguida, por onde deves começar? Ouve: Dize-me, se queres pedir a alguém e começas assim: “Dá-me isto, eis o que te peço”, a tua oração não parece arrogante? A oração, portanto, deve começar com o louvor de Deus, de modo que peças ao Deus todo-poderoso, para o qual todas as coisas são possíveis e que tem vontade de concedê-las. Depois vem a súplica, assim como ensinou o Apóstolo, quando diz: “Exorto-vos que, em primeiro lugar, se façam orações, súplicas, pedidos, ações de graças” (1Tm 2,1). A primeira oração, portanto, deve conter o louvor a Deus, a segunda a súplica, a terceira o pedido, e a quarta a ação de graças. Não deves começar como faminto pelo alimento, mas pelos louvores a Deus.

23. Eis porque estes sábios oradores têm este método para tornar o juiz favorável a si; eles começam por seus louvores, para tornar o árbitro benévolo a si. Depois, pouco a pouco, começa a pedir ao juiz que se digne escutar com paciência. Em terceiro lugar, expõe o objeto da sua postulação, exprimindo o pedido. Em quarto lugar... assim como começou pelos louvores a Deus, do mesmo modo cada um de nós deve terminar com o louvor a Deus e com a ação de graças.

24. Encontras isso na oração dominical. “Pai nosso, que estás nos céus”. É um louvor a Deus chamá-lo de Pai, pois nele está a glória da piedade. É um louvor a Deus, por ele habitar nos céus e

não na terra. “Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome”, isto é, que ele santifique os seus servos. Com efeito, o nome dele é santificado em nós, quando os homens são proclamados cristãos. Portanto, santificado seja o teu nome é expressão de um desejo.

“Venha o teu Reino”. Um pedido para que o Reino de Cristo esteja em todos. Se Deus reina em nós, o inimigo não poderá encontrar lugar. Então, a culpa não reina, o pecado não reina, mas reina a virtude, reina o pudor, reina a devoção. Em seguida: “Seja feita a tua vontade assim no céu como na terra. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”. Este é o maior pedido entre os que foram feitos. “Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos” as dívidas “de nossos devedores”. Recebe, portanto, todo dia, para que a todo dia peças a indulgência para a tua dívida. “E não nos deixes induzir em tentação, mas livra-nos do mal”. O que vem em seguida? Ouve o que diz o sacerdote: “Por nosso Senhor Jesus Cristo, no qual e com o qual tens a honra, o louvor, a glória, a majestade e o poder, com o Espírito Santo, desde sempre, agora e para sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém”.

25. Outra coisa. Embora haja apenas um só livro dos Salmos de Davi, que tem todas as qualidades da oração que acima expusemos, todavia, na maior parte do tempo encontram-se todas essas partes da oração num só salmo, como encontramos no salmo 8. De fato, ele começa assim: “Senhor, nosso Senhor, quão admirável é o teu nome sobre a terra!” É a primeira oração. Daí vem a súplica: “Verei os céus, obra de teus dedos”, isto é, verei os céus, “a lua e as estrelas que fixaste”. Ele não diz “verei o céu”, e sim “Verei os céus”, onde a graça começa a alvorecer sobre o esplendor celeste. O profeta prometia para si que tais céus seriam dados àqueles que merecessem do Senhor a graça celeste. A lua e as estrelas que tu fixaste: a lua é a Igreja, as estrelas são os filhos da Igreja que brilham com a luz da graça celeste. Depois, vê o seu pedido: “O que é o homem, para que dele te lembres, ou o filho do homem, para que o visites? Tu o puseste um pouco abaixo dos anjos, tu o coroaste de glória e honra, e o estabeleceste sobre as obras de tuas mãos” (Sl 8,1-8). Em seguida, a ação de graças: “Sob seus pés tudo submeteste, todas as ovelhas e bois, e os animais do campo”, e daí por diante.

26. Ensinamos, conforme a nossa capacidade, talvez aquilo que não aprendemos. Expressamo-nos como pudemos. Que a vossa santidade, instruída pelos ensinamentos sacerdotais, se esforce para reter o que recebeu, a fim de que a vossa oração seja aceita por Deus e que vossa oferta seja como hóstia pura e que ele reconheça sempre em vós o seu sinal, para que possais também vós alcançar a graça e a recompensa das virtudes, por nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual pertence a honra e a glória, o louvor, a eternidade, desde sempre, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.